

**DISCIPULADO TRANSFORMADOR  
PARA DISCÍPULOS DE UMA  
NOVA REALIDADE: ENTENDENDO  
A PERSPECTIVA DO DISCIPULADO  
DE JESUS, REFLETIDO NA  
REALIDADE TECNOLÓGICA ATUAL**

*TRANSFORMER DISCIPLESHIP FOR DISCIPLES  
OF A NEW REALITY: UNDERSTANDING THE  
PERSPECTIVE OF THE DISCIPLESHIP OF JESUS  
REFLECTED IN THE CURRENT TECHNOLOGICAL REALITY*

***Boanerges de Figueiredo Dantas Neto***<sup>99</sup>

---

<sup>99</sup> Graduado em Teologia pelo Seminário Bíblico Palavra da Vida, Especialista em Docência do Ensino Superior pelo Seminário Presbiteriano do Norte, ambos convalidados pela Faculdade de Teologia Integrada - FATIN e Mestrado em Teologia com ênfase em Missiologia pelo Seminário Presbiteriano do Norte.

## **RESUMO**

Este artigo examina o estilo de discipulado usado por Jesus, examinando sua influência na vida dos discípulos e como esse estilo de discipulado pode ser expandido com a tecnologia atual. Concluímos, afirmando que precisamos urgentemente mobilizar os membros e líderes das nossas igrejas a se identificarem com a vida e o estilo de Jesus no que diz respeito ao discipulado transformador, vivendo as marcas de Jesus, seguindo o exemplo Dele, sendo um discípulo radical.

## **PALAVRAS CHAVE**

*Discipulado, transformador, realidade.*

## **ABSTRACT**

This article examines the style of discipleship used by Jesus, examining his influence on the life of disciples and how this style of discipleship can be expanded with current technology. We conclude by stating that we urgently need to mobilize the members and leaders of our churches to identify with the life and style of Jesus in regard to transforming discipleship, living the marks of Jesus, following His example, being a radical disciple.

## **KEYWORDS**

*Discipleship, transformer, reality.*

## **1. INTRODUÇÃO**

Vivemos em uma realidade de mundo onde as pessoas estão confusas em suas crenças, valores e emoções. Nunca se viu tantos conflitos, síndromes e mudanças como nos nossos dias atuais. Somos uma sociedade doente: física, moral, psíquica e espiritual. Dados científicos observados através de estudos acerca do comportamento humano, de acordo com Augusto Cury, estima-se que a metade da população mundial, mais de três bilhões de pessoas, sofrerão de transtornos de ansiedade. A Humanidade está adoecendo rápida e coletivamente, ela se tornou

excessivamente cartesiana e racionalista, e não desenvolve gestão da emoção.<sup>100</sup>

É o discipulado que tem uma resposta para esse “mundo líquido”, o qual se referiu o sociólogo e filósofo Polonês Zygmunt Bauman<sup>101</sup>, um mundo com valores que estão se deteriorando, com uma cosmovisão desfocada. Com isso o discipulado transformador quer resgatar uma cosmovisão bíblica cristã coerente e prática, pois o discipulado transformador tem relação com a visão missional da Igreja. O discipulado transformador deve ter como foco a transformação integral das pessoas, no que diz respeito ao social, intelectual e espiritual, atingir a pessoa toda com o Evangelho de Jesus Cristo; Jesus disse que deveríamos ir e fazer discípulos em todos os lugares, ensinado tudo o que Ele ensinou (Mt 28:18-20). Precisamos encarar a ordem de Jesus em relação a vivência do discipulado, sendo eficientes, por fazer certo as coisas, e eficazes, por fazer as coisas certas; termos muitos usados e definidos por Peter Drucker.<sup>102</sup>

O discipulado que vemos em Jesus foi diferente, sendo um aprendizado prático, muito mais do que uma transmissão ou instrução verbal, pois Ele trabalhava a pessoa de maneira integral. E o tipo de discipulado de Jesus pode ser aplicado na formação das pessoas que se encontram nas igrejas seja ela do tamanho que for. Pois como disse O Mauricio Cunha (2018. p.16,17): “O cristianismo bíblico provê os elementos fundamentais e fundantes para o estabelecimento de uma visão de mundo, ou seja, para o discipulado de indivíduos, comunidades e nações, em todos os seus aspectos e dimensões”.<sup>103</sup>

Escolhemos o tema por entendermos que há uma grande necessidade na compreensão da visão de Jesus sobre o discipulado e como podemos aplicar essa visão na realidade atual utilizando-se da tecnologia.

---

<sup>100</sup> CURY, Augusto. Entrevista <https://www.bemmaismulher.com/em-entrevista-augusto-cury>. 2018.

<sup>101</sup> BAUMAN, Zygmunt. Desenvolveu vários estudos e livros referindo-se a esse assunto.

<sup>102</sup> DRUCKER, Peter Ferdinand – foi reconhecido como o pai da administração moderna.

<sup>103</sup> CUNHA Mauricio. **O Reino de Deus e a Transformação social**. Viçosa-MG. Ultimato, 2018, p.16,17.

A problemática que nos leva a discorrer nesse tema é a seguinte: Como podemos ajudar novos líderes na utilização da tecnologia para o melhor aproveitamento do discipulado?

Um discipulado transformador para discípulos de uma nova realidade é aquele que entra na vida da pessoa que se encontra com Jesus Cristo e o transforma a tal ponto da transformação seguir adiante na vida de outros, invadindo suas almas, seu contexto de vida, e que está sempre atualizado com a realidade do mundo atual, do avanço da tecnologia, da ciência, das ideologias e filosofias da pós-modernidade.

Como objetivo geral, analisaremos o discipulado de Jesus refletido na nossa época utilizando-o numa realidade tecnológica disponível.

Dentro dos objetivos Específicos, iremos discorrer sobre o estilo de ensino de Jesus utilizado no Seu discipulado, citaremos meios de utilização da tecnologia no desenvolvimento do discipulado.

Usaremos uma abordagem de pesquisa dedutiva.

## **2. O ESTILO DO DISCIPULADO DE JESUS.**

Temos que reconhecer que grande parte das igrejas, principalmente os seus líderes, não têm desenvolvido bem o discipulado vivido e mostrado por Jesus nos Evangelhos. O discipulado para algumas igrejas ainda é encarado como um curto programa para novos convertidos ou cursos com data pré-estabelecida para finalizar, e não sendo visto como algo transformador na capacitação e formação dos cristãos e líderes, num processo contínuo para vida toda, e que atinge a pessoa como um todo, e que visa prepará-la em sua vida devocional, seu caráter, seu comportamento, seu chamado para servir no lugar onde ela se encontra. O discipulado que vemos em Jesus foi diferente, sendo um aprendizado prático, muito mais do que uma transmissão ou instrução verbal, pois Ele trabalhava a pessoa de maneira integral. E o tipo de discipulado de Jesus pode ser aplicado na formação das pessoas que se encontram nas igrejas seja ela do tamanho que for. Pois como disse O Mauricio Cunha (2018, p.16,17): “O cristianismo bíblico provê os elementos fundamentais e fundantes para o estabelecimento de uma visão de mundo, ou seja, para o

discipulado de indivíduos, comunidades e nações, em todos os seus aspectos e dimensões”.<sup>104</sup>

Jesus fornece o ponto de partida para se chegar à compreensão do verdadeiro sentido do discipulado transformador. Ele mesmo escolheu doze homens para estar convivendo com Ele (Mc 3:14) e nesse convívio Ele desenvolveu tanto conteúdo, conceitos e informações (cognitivo), quanto experiências (comportamental), como também reflexões (afetivo). E, conforme vimos, foi Jesus que disse: “Todo aquele que for bem preparado será como o seu mestre” (Lc 6:40). Ele estava se referindo a um processo de treinamento que ocorre na vida de um discípulo que está seguindo o seu mestre, e mostrando que isso resulta em uma qualificação, ou seja, um desenvolvimento no discípulo, através de treinamento, nas qualidades essenciais para sua maturidade. A palavra “treinamento” segundo Richards (1986, p.25-26):

Está relacionada a: restaurar, pôr no lugar certo; seu significado no Novo Testamento aproxima-se de colocar na condição ideal ou completa. Treinar um discípulo é fazer dele uma pessoa completa, um crente maduro. Jesus, enquanto viveu e ensinou os doze, visava a sua transformação: sua meta era fazer a vida crescer.<sup>105</sup>

Jesus teve como objetivo fazer discípulos, a fim de que eles fizessem outros discípulos com a mesma intensidade e meta de reprodução. Podemos perceber que era assim que se dava o processo do discipulado de Jesus. Os discípulos escolhidos por Jesus deveriam fazer outros discípulos e ensiná-los “a guardar todas as coisas que Ele havia ordenado” (Mt 28:20). E o discipulado praticado por Jesus implicava em um treinamento não-formal, mesmo quando nele existia a apresentação do conteúdo formal. Havia o convívio junto à instrução (conhecimento) e à prática (ação) no dia a dia, no relacionamento de um com o outro. Conforme Ed René Kivitz (1991): “No discipulado não existe um padrão definido; deve haver um consenso entre informação (escrita e praticada), transformação (caráter e comportamento) e formação

---

<sup>104</sup> CUNHA, Mauricio. **O Reino de Deus e a Transformação social**. Viçosa-MG. Ultimato, 2018, p.16,17.

<sup>105</sup> RICHARDS, Lawrence. **Teologia da Educação Cristã**. Traduzido por Hans Udo Fuchs. São Paulo: Edições Vida Nova, 1986, p.25-26.

(resultado)”<sup>106</sup>. E Jesus concentrou-se nessas áreas (Mt 4:23; 5:2; 10:1-25; Jo 3:15; 13:34; 21:15-17). O treinamento dos doze discípulos foi intenso, diário, constante. Foi um treinamento prático, face a face, de convívio, de relacionamento, de momentos reflexivos e de instruções mais sólidas. Mas era mais informal do que formal. Ora tinha uma certa estrutura, algo programado, ora acontecia naturalmente, de maneira improvisada, naturalmente. A maior metodologia de ensino utilizada por Jesus foi o discipulado vivenciado no dia a dia. Jesus estava mais preocupado em formar o caráter cristão dos Seus discípulos do que simplesmente lhes transmitir técnicas, métodos e conhecimentos religiosos. Isto é, Ele visava prepará-los integralmente.

Todo este ensino de Jesus – fosse ele formal, não-formal ou informal<sup>107</sup> (O ensino formal, é um tipo de ensino totalmente intencional, é aquele que se dá na escola ou em outro lugar de estudo; o processo pelo qual se ensina de forma sistemática e cognitiva - O ensino não-formal, tem os dois lados, intencional e não intencional - Conhecido por “socialização”. Não está provido de qualquer forma pré-estabelecida ou programa específico, é livre de intencionalidade) – era um ensino discipulador transformador que visava desenvolver caráter, comportamento, ministério, liderança e vida devocional dos discípulos. O discipulado era uma prática na vida diária de Jesus, passando depois a ser uma marca na vida dos seus discípulos e na Igreja Primitiva. Jesus usou os três estilos, mas em termos gerais o Seu estilo de discipulado transformador era mais não-formal e informal. Nas palavras de Richards (1986, p.26), “Jesus convivia com os discípulos, participava das suas experiências e dos seus traumas. Havia interação, instrução e reação constante entre eles”.<sup>108</sup> Vemos que Jesus participava da vida de Seus discípulos e eles da Sua, isso acontecia naturalmente e constantemente.

No Novo Testamento a palavra “mathētēs” ocorre 264 vezes, de forma exclusiva nos Evangelhos e em Atos (conferir no

---

106 KIVITZ, Ed. René. *Pastor da Igreja Batista de Água Branca. Curso para Líderes na Sepal: 01.03.1991.*

107 *Termos usados na educação para diferenciar a metodologia de como o ensino é aplicado.*

108 RICHARDS, Lawrence. **Teologia da Educação Cristã.** Traduzido por Hans Udo Fuchs. São Paulo: Edições Vida Nova, 1986, p.26.

capítulo 2). “Mathētēs” (μαθητής) traz o significado de “aprendiz”, “aluno”, “discípulo”, “estudante”. Uma outra palavra ligada a “mathētēs” é o verbo “manthanō”, que significa “aprender”, que tem o sentido de “adaptar-se”, “preparar-se para”, “acostumar-se a”. Partindo para outra área do desenvolvimento do sentido, a palavra aparece como: “adquirir” ou “adotar”, e isso por meio do ensino ou da experiência. Como disse Brown (2000, p.43):

Um homem é chamado “mathētēs” quando se vincula a outra pessoa a fim de adquirir seu conhecimento prático e teórico. Pode ser um aprendiz num ofício, um estudante de medicina, ou um membro de uma escola de filosofia. Somente se pode ser um “mathētēs” na presença de um “didaskalos”, um “mestre” ou “professor”.<sup>109</sup>

Aparentemente Jesus se apresentava como um simples rabino com alunos à Sua volta. Diferente dos judeus que se consideravam discípulos de Moisés (Jo 9:28) por terem recebido o seu ensino, os discípulos do Cristo compartilham o destino do Senhor Jesus. Pois “ser discípulo” (aluno) implica uma fé incondicional nAquele que é o Senhor. O aluno grego, bem como o “talmīd” rabínico (no hebraico significa aluno, aprendiz de discípulo), se apegava ao seu mestre, esperando ser ensinado a fim de se tornar ele mesmo mestre ou rabino, um igual; os “talmidim” eram considerados a elite de Israel. Já na chamada de Jesus ao discipulado não se tratava de um discípulo que aprenderia até se tornar um mestre (Mt 23:8). Para Jesus, o discípulo ou “mathētēs”, faz uma entrega incondicional de sua vida por completo (Mt 10:37; Lc 14:26, 27; Jo 11:16; Mt 10:14, 25). Jesus contrariou as normas convencionais do ensino, levando Seus alunos ao convívio diário das implicações do Seu ensino. Segundo Brown (2000, p.666), “No sentido mais enfático, de forma especial para Mateus, o ser discípulo significa ser vinculado a Jesus e cumprir a vontade de Deus (Mt 12:46-50; Mc 3:31-35). Isto significa seguir completamente”<sup>110</sup>. O “mathētēs” consiste, ou tem como parte da sua essência, um testemunhar durante toda a sua vida, fazendo do discipulado um estilo de vida. Cláudio Marra diz (2007, p.44):

---

<sup>109</sup> BROWN, Colin (Editor geral). **Dicionário Internacional de Teologia do Novo Testamento**, vol II, Vida Nova, São Paulo, 2000, p.43.

<sup>110</sup> BROWN, op. Cit., vol. I, 2000, p.666.

O significado de mathetes (discípulo) impede que pensemos em discipular como algo que se possa fazer por meio de contatos rápidos e superficiais entre o discipulador e o discípulo. Mathetes é um que deverá estar engajado em um aprendizado que desafia a sua mente, e que é parte do relacionamento com o mestre.<sup>111</sup>

Em Mateus 28:19,20 é importante observar que o verbo controlador tem sua força imperativa “matheuteúsate”, cuja melhor tradução seria: “tendo ido”, “indo”, “caminhando”. Isto dá a ideia de que o discípulo não é alguém que já aprendeu, mas, sim, alguém que está sendo exercitado, aprendendo sempre, continuamente e compartilhando desse aprendizado enquanto segue a trajetória de sua vida. O cristão sempre está numa escola, sempre aprendendo, se colocando como um aprendiz. Segundo Champlin (1985. 2:654):

O fazer discípulos envolve, em primeiro lugar, a necessidade de evangelismo ou da pregação do evangelho; mas também subentende um exercício de treinamento e orientação, de forma que esses discípulos sejam melhor firmados e instruídos na plenitude da mensagem das Escrituras Sagradas<sup>112</sup>.

A ênfase em Mateus 28:18-20 diz respeito, não ao simples fato de “ganhar almas, vidas para Cristo”, considerando com isso o final da tarefa. A conversão de pessoas, o ganhar almas, é o ponto de partida, e não o ponto final. É aí que se dá o início do processo que deve levar o novo cristão a uma mentalidade, à situação real, de discípulo. E essa mentalidade o conduzirá a se parecer cada vez mais com Cristo. Conduzir alguém a Cristo sem acompanhá-lo num discipulado é no mínimo uma irresponsabilidade, seria como gera uma criança e abandoná-la na porta da maternidade.

Verificamos que os vocábulos “ir, (indo)”, “batizar (batizando)” e “ensinar (ensinando)” em Mateus 28:19,20, estão no gerúndio e sua força deriva do verbo controlador ou principal, que é “fazer” discípulos, contudo impulsionado pelo “ide”. Deduz-se que

---

<sup>111</sup> MARRA, Cláudio. **A Igreja Disciplinadora**. São Paulo, Cultura Cristã, 2007, p.44.

<sup>112</sup> CHAMPLIN, Russell Norman. **O Novo Testamento Interpretado Versículo por Versículo**. Vols 1, 2, 4, 5. São Paulo: Milenium, 1985. 2:654.

a ordem de Jesus, Sua ênfase primordial, está no “fazer discípulos”. O “ide”, é um gerúndio (exprime uma ação prolongada temporalmente – dá força ao imperativo “Fazer” discípulos). A Dra. Barbara Burns<sup>113</sup> diz que o gerúndio “ide” assume a forma de um particípio porque vem antes de um particípio no plural. Para ela o ide é também um particípio. Podemos dizer que não se faz discípulos sem a obediência do ide. Jesus não estava tão preocupado com toda a multidão que O seguia, quanto estava com aquele grupo de discípulos; mesmo vendo a dedicação de Jesus à multidão e vendo a compaixão que Ele tinha dela, como Mateus ressaltou nos seus escritos (Mateus 9:35-37), mas a Sua prioridade foi preparar aquele grupo, discipulando, instruindo, e investindo o tempo necessário no preparo deles, a fim de que eles pudessem discipular outros mais tarde, com uma visão missional para atingir todo o mundo, todas as nações com suas etnias, esse é um discipulado transformador. Entende-se que o “ide”, então, não é apenas e tão somente um deslocamento geográfico, mas algo caracterizado pela atividade e dinâmica daquilo que é recomendado, ou seja, “indo, façam discípulos” em todos os lugares, nações. O “ide” é uma responsabilidade local e extra local, um alcance progressivo e extensivo. Portanto todo cristão é um discípulo em missão que precisa ir, com uma responsabilidade global. Afirma Richards:

A Igreja foi feita por Deus para promover transformação; para comunicar e promover o desenvolvimento da vida de Cristo nas pessoas. O relacionamento dentro do corpo é essencialmente de discipulado. Sempre que a igreja se reúne como igreja (com dois ou três, ou centenas), o objetivo é fazer crescer. À medida em que os processos de discipulado e ensino que Deus colocou no corpo de Cristo se desenvolvem, o indivíduo e a igreja local passam por transformação progressiva.<sup>114</sup>

Sobre esse aspecto a igreja deve ser um agente transformador missional, como disse o Sérgio Queiroz falando da

---

<sup>113</sup> BURNS, Dra. Barbara. *Atualmente é professora no MBA da Cidade Viva em João Pessoa, ministrando o módulo de Teologia Bíblica de Missões.*

<sup>114</sup> RICHARDS, Lawrence. **Teologia da Educação Cristã**. São Paulo: Edições Vida Nova, 1986, p.99.

realidade de mudar o mundo e não somente o “meu” mundo (2017, p.78,79):

Como o ato de fazer discípulos de forma transcultural aconteceu no Pentecostes? Por meio da intervenção divina. O poder sobrenatural de Deus nos torna testemunhas eficientes Dele para povos do mundo. Os cristãos globais colocam esperança em sua participação na missão mundial do Senhor.<sup>115</sup>

As palavras de Jesus em Mateus 28:19,20, tem muito mais em jogo do que o evangelização e missões, como disse Michael W. Goheen e Craig G. Bartholomew (2016, p.98.): “Os discípulos devem eles mesmos fazer outros discípulos, ajudar a formar discípulos de Jesus da mesma maneira como Jesus os formou, discípulos que por sua vez obedecerão a tudo o que Jesus ordenou”.<sup>116</sup> Jesus também deixa claro que no discipulado precisa haver uma identificação espiritual com Cristo e Sua morte: “batizando-os em nome do Pai e do Filho e do Espírito Santo”. O batismo era uma declaração visível de que a vida, a identidade e as prioridades de alguém estavam centradas em Jesus Cristo e na “Mission Dei”, a missão de Deus. Ainda, Jesus ordenou acerca daquilo que deve ser ensinado, desenvolvido, inculcado, em cada discípulo. “Ensinando-os a guardar”: a palavra *κράσκουτες*, “ensinando”, pode ser aplicada a um processo contínuo e não a algo já elaborado ou feito como uma preparação para alguma coisa específica. A preocupação de Jesus não era com a aquisição de conhecimentos teóricos, nem também que Seus ouvintes simplesmente ouvissem as coisas que Ele dizia; Ele desejava acima de tudo que os discípulos aprendessem a “guardar” todas as coisas faladas e aprendidas. A implicação do “guardar”, *τήρειν* todas as coisas faladas, ensinadas e aprendidas. A implicação desse “guardar” é conservar, absorver, inculcar e praticar, tanto os ensinamentos de Cristo, quanto toda Escritura Sagrada. Essa ordem tem uma relação estreita com o que Deus falou para Seu povo em Deuteronômio 6.

Kátia Okada disse (1987. p.7): “Ensinar todas as coisas é relativamente fácil. Era isto que os judeus, acusados por Jesus e Paulo, faziam. Conheciam profundamente todos os preceitos da

---

<sup>115</sup> STETZER, Ed e QUEIROZ, Sérgio. ***Igrejas que transforma o Brasil***. São Paulo: Mundo Cristão, 2017. p.78,79.

<sup>116</sup> GOHEEN, Michael W. e BARTHOLOMEW Craig G. ***Introdução à cosmovisão cristã***. São Paulo, Vida Nova, 2016, p.98.

Lei. Nós também não encontramos muita dificuldade em ensinar todas as coisas”<sup>117</sup>. Porém, muitas vezes nos concentramos nessa área e queremos que os membros da igreja conheçam e saibam de tudo, algo que, muitas vezes, até acontece. Mas é um passar de informações sem um resultado prático. Discipulado no estilo de Jesus exige uma ligação, um vínculo, entre informações, conceitos e práticas. Somente assim o ensino terá um resultado significativo na edificação do homem inteiro à obediência de Jesus Cristo. É preciso ser para fazer discípulos. Obedecer a essa ordem de Jesus, é fácil e simples, mas exige compromisso para executar, é onde muitos não querem.

Em Lucas 6:40 a ênfase é diferente, pois Jesus diz que “mathētēs” (o discípulo) não é mais do que o seu “didaskalon” (mestre); mas que todo aquele que for “katertismēnos” (bem treinado, bem instruído) será como seu “didaskalos” (mestre). De acordo com Champlin (1985, 2:69),

Existem duas maneiras que têm sido entendidas essas palavras; “todo aquele que for bem instruído será como o seu mestre”: a primeira delas é que o alvo da relação entre um mestre e um discípulo, é duplicar o mestre no discípulo. A segunda é a de que todo discípulo bem instruído eventualmente será tão bem instruído quanto o mestre que o ensina.<sup>118</sup>

O objetivo final é que o discípulo seja como seu discipulador, que por sua vez procura ser como Jesus, implementando as marcas no discípulo. Ainda em Lucas 6:40, a palavra “katartizō” (na forma do seu particípio “katertiomēnos”) quer dizer “restaurar”, “pôr no lugar certo”, e ela aparece no contexto do Novo Testamento como algo que se aproxima de “colocar na condição ideal” ou “completar”. O discípulo, de acordo com a descrição de Jesus aqui, é alguém que segue ou imita a vida do outro. Isto deve acontecer na íntegra, através de um relacionamento diário, de um convívio. Jesus manteve-Se bem perto dos Seus discípulos: diz que Jesus “então designou os doze para estarem com Ele...” (Marcos 3:14,15); “ao verem a intrepidez de Pedro e João, sabendo que eram homens iletrados, admiraram-

---

<sup>117</sup> OKADA, Kátia M. **O Papel do Ensino na Igreja**. Apostila mimeografada da disciplina Programa Educacional da Igreja. Seminário Bíblico Palavra da Vida, 1987. p.7.

<sup>118</sup> CHAMPLIN, Russell Norman. **O Novo Testamento Interpretado Versículo por Versículo**. Vols 1, 2, 4, 5. São Paulo: Milenium, 1985. 2:69.

se; e reconheceram que haviam eles estado com Jesus” (Atos 4:13). Em João 13:1 vemos que Jesus amou os Seus discípulos “até o fim”; e, em João 14:23; 15:1-16 Jesus fala da permanência dEle em Seus discípulos e dos Seus discípulos nEle.

Jesus não tinha uma visão do discipulado como algo passageiro, um contrato que poderia ser quebrado a qualquer momento. Na concepção dEle, o discipulado era algo para a vida toda, tinha hora de começar, mas não para terminar. Era um processo contínuo, para toda vida. Peterson diz (2005, p.64):

O discipulado não é um contrato em que se nós faltamos com nossa parte do acordo ele é livre para quebrar a dele; é um pacto no qual ele estabelece as condições e garante os resultados. É certo que você pode desistir de desejar. Você pode dizer não a Deus. É uma fé livre. Você pode escolher o caminho errado. Ele não o prende contra a vontade. Mas não é o tipo de coisa em que você cai por acaso ou entra por ignorância. Despertar requer um ato intencional, sustentado e resolutivo de rejeição.<sup>119</sup>

Treinar, instruir um discípulo, é procurar fazer dele uma pessoa completa, logo é um processo de aperfeiçoamento e relacionamento contínuos, um compromisso de durabilidade. No Evangelho de Lucas Jesus não se referia a um tipo de treinamento no qual os que eram treinados ouviam o professor por algumas horas num certo local, e depois voltavam para a vida real sozinhos. As instruções se davam por meio de diversas experiências constantes no dia a dia, e eram transmitidas mediante atitudes, valores, emoções e comportamentos. Richards escreve (1986, p.25): “Fazer a vida de Deus se desenvolver na pessoa parece exigir um contexto de vida, um modelo do qual o discípulo pode aprender através de um relacionamento íntimo”<sup>120</sup>. Observando o relacionamento de Jesus com os Seus discípulos conclui-se que o Seu objetivo maior era bem mais além do que um simples transmitir de informações. Ele queria discípulos bem treinados e isso não se referiu ao conhecimento do conteúdo somente, mas ao intelectual, ao emocional, ao comportamental. Sendo assim, na

---

<sup>119</sup> PETERSON, Eugene. **Uma longa obediência**. Traduzido: Helen Hope Gordon Silva. Cultura Cristã. São Paulo, 2005, p. 64.

<sup>120</sup> RICHARDS, Lawrence. **Teologia da Educação Cristã**. Traduzido por Hans Udo Fuchs. São Paulo: Edições Vida Nova, 1986, p. 25.

transmissão de Jesus, Ele ensinava, os discípulos ouviam e perguntavam; Ele perguntava, os discípulos respondiam; Ele fazia algo dando o exemplo e eles observavam, questionavam e agiam; Ele dava uma ordem, eles obedeciam. Eles estavam inteiramente unidos, na mesma disposição mental, como também no mesmo parecer, na mesma visão.

Sem dúvida aqui estava sendo estabelecido o alicerce para que acontecesse tudo aquilo que se deu na vida dos discípulos no início da Igreja. Os discípulos aprenderam o caminho trilhado pelo Mestre Jesus. Eles tinham uma mensagem para viver e uma vida para compartilhar. Não levou muito tempo para eles serem reconhecidos como aqueles que estiveram com Cristo; até eram logo apelidados de cristãos (At 11.26), "*pequenos Cristos*". Eles aprenderam com o estilo de ensino de Jesus que tinham que doar as suas vidas e viver a vida de Cristo neles, vivendo o Cristo como se Ele mesmo estivesse vivo no meio deles. Eles entenderam que o discipulado era um estilo de vida que tinha que ser vivido por eles com a implicação da responsabilidade de tomar a cruz diariamente, seguindo assim as marcas de Jesus. Boice diz (2001, p. 57):

O discipulado não é simplesmente uma porta pela qual se entra, mas um caminho a ser seguido. Tendo tomado este caminho, o discípulo prova a validade do discipulado seguindo-o até o final. Tomar a cruz é algo semelhante. No entanto, quando Jesus usa a expressão "diariamente", dizendo, "dia a dia tome a sua cruz e siga-me", está se referindo a algo mais forte, no sentido de que a ação de tomar a cruz deve ser renovada a cada dia.<sup>121</sup>

O estilo de ensino de Jesus, a metodologia principal dEle, era o discipulado, e quando se pensa em discipulado se pensa em Jesus, no Seu exemplo e na maneira como investiu todo o Seu tempo na vida de alguns homens, sabendo que o resultado final do Seu trabalho valeria a pena. Disse Bonhoeffer (1980, p. 21,22):

O chamado ao discipulado é, portanto, comprometimento exclusivo com a pessoa de Jesus Cristo, a subversão de todos os legalismos mediante a graça daquele que chama. É chamado a graça, mandamento gracioso. Fica além do antagonismo de

---

<sup>121</sup> BOICE, James Montgomery. **O discipulado segundo Jesus**. São Paulo. 2001, p. 57.

Lei do Evangelho. Cristo chama, o discípulo segue; isso é graça e mandamento ao mesmo tempo. O discipulado é comprometimento com Cristo; por Cristo existir, tem que haver discipulado. O discipulado está vinculado ao Mediador, e, onde quer que se fale corretamente do discipulado, aí se fala do Mediador, Jesus Cristo, Filho de Deus. O discipulado sem Jesus Cristo é a escolha pessoal.<sup>122</sup>

No estilo de discipulado praticado por Jesus, havia uma metodologia prática e experimental, onde o conteúdo interagiu com a realidade da vida, e a sala de aula eram as ruas, as casas, as praças. O discípulo deveria estar perto do Seu mestre, conectado nas ideias, pensamentos e ações; o conhecimento surgia junto às experiências do dia a dia, o que se aprendia vinha na maior parte das vezes de algo experimental. Em razão disto Jesus usava todas as situações em Sua volta, quer elaboradas e planejadas, quer situacionais, ocasionais ou provocadas, mas todas elas com um objetivo mensurável: inculcar nos discípulos a mensagem transformadora do Evangelho. Eurípedes Conceição diz que (2004, p.44):

Segundo os hebreus, aprendizagem não é simplesmente a aquisição de um conjunto de verdades. O vocábulo hebraico Daa'th denota conhecimento que é experimentado. A expressão Daa'th Elohim denota que o conhecimento a respeito de Deus não é simplesmente a obtenção de informação a respeito de Deus, mas implica entrar em um relacionamento pessoal e íntimo com Ele. Também o verbo Yada' (conhecer) é usado de uma forma muito pessoal. Adão conheceu Eva. Aqui o conhecimento significa experiência, competência e a capacidade de empregar as habilidades adquiridas. A ideia de que o conhecimento é um conjunto de informações está baseada em uma visão grega, que é diferente da visão bíblica. O nosso fundamento de educação cristã está baseado na visão educacional hebraica.<sup>123</sup>

Este conceito de educação hebraica está intrinsecamente relacionado ao estilo de ensino adotado por Jesus através do

---

<sup>122</sup> BONHOEFFER, Dietrich. **Discipulado**. São Leopoldo-RS. Sinodal, 8ª ed. 1980, p. 21,22.

<sup>123</sup> CONCEIÇÃO, Eurípedes. *Ensinado através do caráter*, São Paulo. Cultura Cristã, 2004, p.44.

discipulado. Quando existe o discipulado pode-se usar o vocábulo hebraico *Daa'th* e o verbo *Yada'*, pois as pessoas envolvidas no discipulado passam a experimentar um relacionamento pessoal e íntimo com Deus, como também adquirem competência e capacitação para desempenhar melhor suas funções ministeriais. Sendo assim, as pessoas ao se converterem e ao entrar num processo de discipulado, não conseguem somente ficar nos bancos da igreja apreciando uma mensagem ou programa, esperando o término do culto para voltar a sua realidade cotidiana desassociada de uma vivência espiritual e do propósito de Deus. É preciso ensinar cada crente a viver os princípios estabelecidos na Palavra de Deus, cultivando nele uma disciplina diária desconectada de regrinhas e métodos de ensino frívolos. Quando os cristãos entendem a importância do discipulado e o praticam, eles passam a ter uma base sólida para fazer qualquer coisa na vida e no Reino de Deus. Campanhã diz (2006, p.23):

O ensino sólido e constante da Palavra de Deus dá estabilidade à fé, equipa para detectar e confrontar o erro, acalma os temores, cancela as superstições e transforma a vida de uma pessoa a cada dia. Por outro lado, o discipulado e o ensino, não podem se tornar um fim em si mesmos. Eles são um meio de conduzir uma pessoa a um profundo relacionamento com Deus e a uma vida constante de adoração, bem como são uma alavanca para que a igreja glorifique a Deus no mundo e cumpra sua missão temporal e eterna.<sup>124</sup>

É perceptivo que Jesus possuía um estilo didático, pois Sua exposição sistemática deixava as pessoas curiosas e admiradas. Certa vez, alguns soldados enviados para prender Jesus ficaram atônitos e voltaram sem cumprir a tarefa. Mas declararam a quem os enviou: “Ele fala como quem tem autoridade” (Mt 7:29). Paulo exortou os crentes de Coríntios a serem seus imitadores como ele era de Cristo (I Co 11:1), e aos Gálatas disse que estava sofrendo dores de parto por eles, até Cristo ser formado neles (Gl 4:19).

A história da Igreja está repleta de exemplos de pessoas que foram influenciadas pelo ensino de Jesus, pela maneira como discipulava. Homens e mulheres que vivenciaram, bem depois da era apostólica, os ensinamentos dEle. Por exemplo: Inácio de Antioquia (35-107) exortou os filadelfos a imitarem a Jesus Cristo

---

<sup>124</sup> CAMPANHÃ, Josué. *Discipulado transformando igrejas. Vida, São Paulo, 2006, p.23.*

como Ele imitava o Pai. Trata-se de um líder influenciado pelo ensino de Jesus através dos apóstolos, e ele continuava fervorosamente levando adiante os mesmos ensinamentos como se os tivessem ouvido do próprio Cristo. Da mesma maneira outros como Clemente de Alexandria, Irineu, Tertuliano e Orígenes, enfrentaram imposições e perseguições por manterem intactos e imaculados os ensinamentos de Cristo aos apóstolos; eles também ensinavam mais pelo que faziam do que pelo que diziam. Vemos então o discipulado perpetuando-se no tempo e na história. Eurípedes Conceição diz (2004, p.96):

No 3º século as escolas usavam como lições os escritos de natureza ética, os quais estavam na forma de preceitos, por exemplo, o Sermão da Montanha, as máximas do livro de Tiago, as seções éticas dos apologistas, os escritos de Clemente de Alexandria e as Sentenças de Sextus. Gregório faz referência ao diácono Pôncio, um discípulo do bispo Cipriano de Cartago (200-258), que estava escrevendo a primeira biografia cristã. Seu propósito era resgatar a biografia de Cipriano, de maneira que as suas ações pudessem ser “mantidas vivas na memória perpétua”. Orígenes, era um mestre que ensinava através do seu próprio caráter e comunicava virtude aos seus alunos. Não passou muito tempo até que os escritos sobre as vidas de homens e mulheres santos se tornassem os meios mais populares de ensinar a vida cristã.<sup>125</sup>

No estilo de discipulado de Jesus outro diferencial era a compaixão que sentia pelas pessoas às quais ministrava e como Ele as tratava. “Vendo Jesus as multidões, teve grande compaixão” (Mt 9:36). Conforme Manning (2007, p.82):

Essa passagem (Mt 9:36) é de uma extraordinária ternura, oferece um vislumbre no interior da alma humana de Jesus. Mostra como ele se sente quanto aos seres humanos perdidos, sem rumo. Revela seu modo de olhar para o mundo, sua atitude não-julgadora para com aqueles que procuravam amor nos lugares errados e seguiam a felicidade em buscas equivocadas. *Essa compaixão* é uma revelação simples de que o coração de

---

<sup>125</sup> CONCEIÇÃO, Eurípedes. **Ensinado através do caráter**, São Paulo. Cultura Cristã, 2004, p.96.

Jesus bate da mesma forma ontem, hoje e para sempre.<sup>126</sup>

Os Evangelhos mostram que, cada vez que Jesus era movido de compaixão pelas pessoas, algo de especial acontecia nEle; Se comoveu e chorou na ocasião da morte de Lázaro (Jo 11:33,35), chamou Judas, o traidor, de amigo (Mt 26:50), alimentou uma multidão faminta (Lc 9:10-17), entrou na casa de um publicano dando-lhe salvação (Lc 19:1-10), curou uma mulher que era discriminada pela sociedade por causa da sua enfermidade (Lc 8:46-48). A compaixão de Jesus estava presente nEle como prova viva do amor e presença de Deus, fazendo com que Seu discipulado fosse impactante. Jesus tinha uma cosmovisão missional, ou seja, Seus valores e crenças focados no preparo de discípulos.

Seu estilo de ensino também era marcado pela a atitude de servir, como Ele mesmo declarou aos discípulos em Marcos 10:43-45. E Ele lhes deu um grande exemplo ao lavar os pés deles (Jo 13:4,5) mostrando que uma toalha e uma bacia com água podem ser transformadas em instrumentos daqueles que querem ser exemplos. A postura de Jesus como servo compassivo O levava a ter autoridade em Seu discipulado. James Hunter disse (2004, p.96):

Nós construímos autoridade sempre que servimos aos outros e nos sacrificamos por eles. Lembre-se, o papel da liderança é servir, isto é, identificar e satisfazer as necessidades legítimas. Nesse processo de satisfazer as necessidades será preciso frequentemente fazer sacrifício por aqueles a quem servimos.<sup>127</sup>

Pode ser observado nesse capítulo, através do exame das ocorrências da palavra “discípulo” no Evangelho de Mateus, que no começo do ministério de Jesus a metodologia do Seu ensino era mais formal, os discípulos ouviam mais e participavam menos - mas à medida que o tempo passou, Seu ensino tornou-se mais não-formal e informal. De fato, a palavra “discípulo” ocorre bem mais num contexto desses dois estilos de ensino do que num contexto formal. Sendo assim, houve, segundo o que se pode

---

<sup>126</sup> MANNING, Brennan. **O obstinado amor de Deus**. São Paulo, Mundo Cristão, 2007, p. 82.

<sup>127</sup> HUNTER, James C. **O Monge e o Executivo**. Rio de Janeiro, Sextante, 2004, p.67.

constatar, uma participação dos discípulos, interagindo eles com Jesus ao longo do Seu ministério.

A metodologia usada por Jesus pode e deve ser utilizada por todas as pessoas que desejam levar o discipulado transformador a sério em suas vidas, que têm a incumbência de capacitar e treinar outros, a fim, de levar a Igreja de Jesus a ser mais saudável, no que tange a relacionamentos e com ênfase na reciprocidade dos membros. Como disse o querido amigo e peregrino Carlos Queiroz (2016, p.20):

Diante do Rei e do Reino, os discípulos são despojados de qualquer direito. Possuem apenas o direito de obedecer. E, sendo assim, já não têm nem posse nem direito. São peregrinos, sem alforje, sandálias ou túnicas de reserva (Lc 10). Fazem tudo, e serão tidos apenas como servos obedientes e não excepcionais. Nada disso lhes provoca tristeza; muito pelo contrário, são felizes na medida em que disponibilizam seus dons e talentos para a vida. A felicidade do discípulo está fundamentada na sua relação fraterna com o Pai celestial e no prazer de viver com simplicidade, a leveza que tem a plenitude da vida no espaço do Reino. Entre o Mestre e seus alunos há, de fato, uma amizade afetiva – não são mais servos e sim amigos (Jo 15.15).<sup>128</sup>

A Igreja de Jesus Cristo e os seus líderes têm vivido uma realidade muito difícil. Ao mesmo tempo em que hoje se tem acesso a muitas informações, diversos materiais, estudos, cursos, seminários, livros auto didáticos, informações na Internet e uma variedade de programas, congressos e conferências de capacitação, vemos que existe ainda uma carência gritante por parte de muitos pastores e líderes, sem falar em suas igrejas. Alguns por não terem acesso a muitas dessas coisas, e outros por não conseguirem assimilar o conteúdo, a proposta, e muito menos aplicá-los ao seu contexto e necessidade.

Eu entrevistei alguns pastores e líderes pertencentes a denominações diferentes como: Batista Brasileira, Batista Nacional, Batista Regular, Congregacional, Presbiteriana, Nova Vida e Cristã Pentecostal. Os pastores e líderes entrevistados afirmaram que 80% dos novos convertidos têm acompanhamento só durante os primeiros meses e isso por meio da Escola Bíblica Dominical, um

---

<sup>128</sup> QUEIROZ, Carlos. **Ser é o bastante**. São Paulo, Ultimato. 2016. p.20.

ensino estritamente formal; 70% usam para discipular o material produzido pela denominação à qual fazem parte, ou vários tipos de materiais que estão disponíveis, sem um maior critério; 90% entendem que a falta de material adequado à realidade da igreja local e a pouca leitura dos membros são as maiores dificuldades para o discipulado e o preparo de líderes; 20% somente, dizem que Jesus enfatizou o discipulado em Seu ministério; 70% apontam que as áreas mais carentes na vida cristã dos membros é a vida devocional, o comportamento e o desenvolvimento dos dons ministeriais; 20% apenas dos entrevistados, disseram que têm lido livros sobre discipulado; 60% têm aprendido mais sobre comportamento e caráter em suas leituras auto-indutivas do que em estudos dirigidos e compartilhados em grupo; 15% têm aprendido sobre discipulado em suas leituras; 70% gostariam que acontecessem treinamentos e conscientização sobre o discipulado em suas igrejas. Cerca de 40 pastores titulares foram entrevistados.

Esta pesquisa singela revela claramente que não há um acompanhamento adequado que vise preparar membros e igrejas para um discipulado eficiente e nem tampouco um critério específico quanto ao uso do material para o discipulado. Há duas grandes barreiras no discipulado e no preparo de líderes, a falta de um material adequado à realidade das pessoas e a pouca leitura delas. Ao mesmo tempo a maioria dos pastores e líderes não percebe que o discipulado foi a grande prioridade no ministério de Jesus com Seus discípulos e que Ele sempre o enfatizava. E nem percebe que as carências existentes na vida dos membros da igreja são ocasionadas pela falta do discipulado.

De fato, poucos pastores e líderes, têm lido sobre discipulado. A maioria tem lido mais sobre planejamento estratégico de crescimento de igreja, aconselhamento, evangelismo, teologia e livros de auto-ajuda, esquecendo-se de se inteirar melhor em como preparar seus membros para a vida cristã, aqueles que estão assistindo os cultos, participando de programações e eventos. É preciso envolvê-los em um discipulado transformador, fazendo com que cada pessoa que se achega a Cristo tenha uma fé bem forjada numa visão de mundo, alicerçada nas Escrituras Sagradas, como bem disse Mauricio Cunha (2018, p.30): “A fé cristã é uma visão de mundo, e as Escrituras oferecem

os elementos fundamentais e fundantes para o discipulado das nações".<sup>129</sup>

Há um grande aprendizado por parte dos pastores e líderes em relação ao conhecimento, o comportamento e o caráter, e isso é louvável. Mas há pouco aprendizado sobre o dia a dia do cristão e seu desenvolvimento nessas áreas através da vivência de um discipulado transformador para os discípulos de uma nova realidade. Pouco se tem lido e aprendido sobre discipulado. A esperança para o futuro está no desejo por parte dos pastores e líderes de ter uma maior conscientização e treinamento dos membros da igreja em relação ao discipulado transformador.

É preciso que se esteja atento a algo que afeta milhares de pessoas impedindo-as de assimilar o conteúdo das informações que têm chegado até elas, quer seja por curso, materiais didáticos presenciais ou via internet. No Brasil, segundo dados da UNESCO (2017):

Existem 13 milhões de pessoas analfabetas no país, que não têm qualquer habilidade na leitura ou na escrita. O que demonstra o nível de desigualdade da nossa sociedade. Um número que revela que a educação foi apresentada de uma maneira que não conseguiu alcançar a todos no Brasil. Seja na forma como ela foi distribuída, sem enxergar as necessidades, como nas especificidades do nosso público.<sup>130</sup>

A situação é delicada e alarmante, pois apenas 1 entre 4 brasileiros consegue ler, escrever e utilizar habilidades para continuar aprendendo e desenvolvendo seus conhecimentos. Outra situação preocupante é que, 3 em cada 10 brasileiros são considerados analfabetos funcionais. Segundo a UNESCO (2008):

Analfabeto funcional é toda pessoa que sabe escrever seu próprio nome, assim como ler e escrever frases simples, efetuar cálculos básicos, porém é incapaz de interpretar o que lê e de usar a leitura e a escrita em atividades cotidianas, impossibilitando seu desenvolvimento pessoal e profissional. Ou seja, o analfabeto funcional não consegue extrair o sentido das palavras e colocar ideias no papel por meio da escrita

---

<sup>129</sup> Mauricio Cunha. **O Reino de Deus e a Transformação social**. Viçosa-MG. Ultimato, 2018, p.30.

<sup>130</sup> <https://g1.globo.com/educacao/noticia/unesco.shtml>. Dados de 24/10/2017.

nem fazer operações matemáticas mais elaboradas. O resultado disso é a enorme quantidade de analfabeto funcional com diploma.<sup>131</sup>

Segundo alguns especialistas, na área educacional o analfabetismo funcional é um fenômeno novo, embora o termo foi aplicado nos Estados Unidos na década de 30 e utilizado pelo exército norte americano durante a Segunda Guerra Mundial, para indicar a capacidade de entender instruções escritas necessárias para a realização de tarefas militares. No contexto do presente livro, o termo analfabetismo funcional descreve um meio termo entre o analfabetismo absoluto e o domínio pleno e versátil da leitura e da escrita, isto é, ele descreve um nível de habilidades restrito a tarefas mais rudimentares referentes à sobrevivência nas sociedades industriais. Disse Eliana Borges (2004, p.60):

Falar de analfabeto que lê e escreve parece algo contraditório. Na mesma lógica, no entanto, podemos falar de pessoas alfabetizadas, que dominam o sistema de escrita alfabética, mas que são incapazes de produzir textos em situações específicas, um requerimento, por exemplo, ou mesmo preencher um formulário – ou, ainda, que não conseguem compreender certos textos com os quais se deparam em sua vida cotidiana, como por exemplo, entender um jogo a partir da leitura de suas instruções, preferindo que outras pessoas lhes expliquem as regras. À medida que as práticas sociais de leitura e escrita foram se tornando mais numerosas e complexas e passaram a exigir mais dos sujeitos – mais que as habilidades denominadas muitas vezes “codificadas” e “decodificadas” -, assistimos à redefinição do conceito de alfabetização que, do simples “ensinar/aprender a ler e escrever” passou a envolver novos processos e denominações.<sup>132</sup>

O analfabetismo funcional se deve, principalmente à baixa qualidade do ensino público no nosso país e ocorre com uma maior frequência nas regiões menos favorecidas. Sem dúvida, pode-se dizer o mesmo em relação à qualidade de ensino nas igrejas, principalmente aquelas que estão localizadas nas periferias urbanas e em regiões distantes dos grandes centros, onde o ensino

---

<sup>131</sup> *Gazeta de Cuiabá, 02 de Junho de 2008 – Cuiabá-MT.*

<sup>132</sup> ALBUQUERQUE, Eliana Borges Correia e LEAL, Telma Ferras. **A alfabetização de jovens e adultos.** Belo Horizonte, Autêntica, 2004, p. 60.

muitas vezes é precário e disfuncional. Até muitos pastores e líderes têm dificuldade de ler e de fazer uma avaliação e reflexão da leitura, até mesmo da Bíblia Sagrada, como também de livros sobre os diversos assuntos tratados na Bíblia. O analfabetismo funcional atinge em grande escala os universitários. De acordo com o Professor e filósofo Olavo de Carvalho, (2017) “80% dos acadêmicos brasileiros apresentam algum grau de analfabetismo funcional”.<sup>133</sup>

Ao mesmo tempo que temos esse déficit temos uma sociedade muito envolvida numa tecnologia galopante que se atualiza a cada minuto, que traz ideias, programas, entretenimento tecnológico e muitas informações que deixa até os que não têm escolaridade antenados. É diante dessa realidade, que o discipulado precisa ser transformador, pois estamos diante de um cenário de discípulos de uma nova realidade onde demanda imensos desafios.

Quando pensamos na realidade das igrejas espalhadas pelas cidades, o que vemos? Vemos todo tipo de denominações e movimentos diferentes: fundamentalistas, históricas, pentecostais, neopentecostais, igrejas-comunidades e inclusivas; igrejas de pequeno, médio e grande porte, tanto as que estão começando, como outras que já têm um bom tempo de caminhada; igrejas em casas, em grupos, na rua, em restaurantes, em hotéis, em praias, em praças; igrejas dos “desigrejados”<sup>134</sup>, dos inconformados, dos excluídos, dos internautas, etc. Temos um tipo de igreja para cada gosto e praticamente em cada esquina, são milhares que surgem a cada mês, principalmente na periferia das cidades grandes.

Quando examinamos esse cenário, vemos algumas coisas que estão envolvidas diante de todo esse cardápio eclesial: igrejas bem estruturadas física e administrativamente, com líderes bem instruídos; igrejas super modernas com tecnologia de primeiro mundo; igrejas sem estrutura eclesiológica e administrativa, antiquadas onde um líder (pastor) faz todo o

---

<sup>133</sup> Conferência sobre o Brasil na América, o “Brazil Conference”, realizado pela Universidade de Harvard e pelo MIT, o Instituto de Tecnologia de Massachusetts, em 07/04/2017.

<sup>134</sup> “Desigrejados” ou os sem igreja, não são oficialmente filiados a qualquer instituição convencional de culto religioso cristão; mas nem por isso se consideram desviados nem excluídos do Reino de Deus.

trabalho e tenta sobreviver; igrejas que têm um grupo de líderes sem coordenação que não sabem desempenhar bem suas funções; igrejas com líderes feridos, maltratados, sem direcionamento, divididos e perdidos, e igrejas “business”, simplesmente negócios, sem nenhum compromisso com o Evangelho de Jesus Cristo, nem o Reino de Deus, igrejas onde seus líderes estão mais envolvidos com a qualidade do “marketing” que será utilizado para atrair as pessoas do que com o ensino da Bíblia e sem noção do discipulado.

Algumas dessas igrejas têm líderes, pastores, que tiveram uma formação teológica boa em algum seminário, mas que não sabem colocar em prática aquilo que aprenderam, e outras, com líderes que estão à frente, mas mal conseguem se expressar e muitas vezes não têm quase nenhum conteúdo bíblico nem uma simples formação teológica. Além disso, o que pode ser percebido é que existe um número expressivo de pastores e líderes que sofrem do “analfabetismo funcional” e alguns que são mesmos analfabetos. A pergunta que não quer calar é: o que fazer diante de tudo isso?

É para todas essas realidades de igrejas, para todas as épocas e todos os contextos que o discipulado transformador deve existir, um discipulado para discípulos de uma nova realidade, discípulos missionais e transformacionais. Disse Valdir R. Steurnagel (2017, p.33):

À medida que os discípulos vão, eles vão se descobrindo e se revelando seguidores de Jesus. Como tal eles nada têm a dizer e a fazer que não tenham recebido do próprio Jesus e não são enviados a dizer e fazer nada além disso... É indo, no nome de Jesus, que os discípulos se tornam mensageiros do Reino e canais através dos quais os sinais do reino se tornam realidade.<sup>135</sup>

Como disse Colin Marshall e Tony Payne (2015, p.20,21): “O mandamento de fazer discípulos é o critério que determina se nossa igreja está engajada na missão de Cristo. Estamos fazendo verdadeiros discípulos de Cristo? Nosso alvo não é fazer membros

---

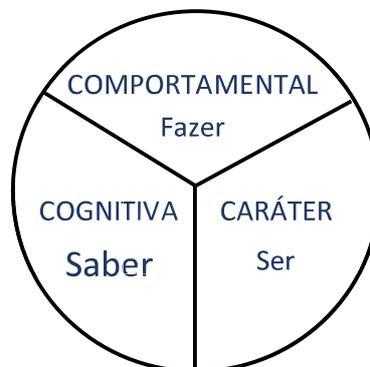
<sup>135</sup> STEURNAGEL, Valdir R. e BARBOSA, Ricardo. **Nova liderança**. Esperança, Curitiba, 2017. p.33.

de igreja ou de uma instituição, e sim, verdadeiros discípulos de Cristo”.<sup>136</sup>

Jesus não nos mandou fazer prédios, seminários, conferências, eventos, nem muitas das coisas que passamos boa parte do nosso tempo fazendo. Jesus nos mandou fazer discípulos, nos envolvermos num discipulado transformador. Precisamos ajudar as pessoas a serem discípulos discipuladores, multiplicando e equipando novos discípulos; para isso, precisamos ser discípulos proativos e não reativos, tendo o discipulado como algo transformador, pois o discipulado não perde a sua essência, ele serve para todas as épocas e realidades. Disse Davi Lago (2018, p.155) que: “... a missão prioritária da igreja é espiritual... Não adianta estabelecer leis que obriguem as pessoas a viverem como cristãs, pois a obra do próprio Deus poderia promover essa transformação”.<sup>137</sup>

Precisamos nos fazer algumas perguntas quando pensamos no discipulado transformador para uma nova realidade de discípulos: Eu estou convicto que sou um discípulo de Jesus? Eu estou discipulado outras pessoas? Se não estou discipulando posso afirmar verdadeiramente que sou um discípulo de Jesus? Se não sou um discípulo de Jesus posso afirmar que de fato sou um cristão? São perguntas que precisamos nos fazer. O discipulado ajudará a estabelecer um sistema de cuidado pastoral que atingirá a todos.

### **Três áreas estão sendo desenvolvidas no discipulado transformador**



<sup>136</sup> MARSHALL, Colin e PAYNE, Tony. **A Treliça e a videira**. Ed. Fiel, São Paulo, 2015. p.20,21.

<sup>137</sup> LAGO, Davi. **Brasil Polifônico**, Mundo Cristão. São Paulo, 2018, p.155

Devemos entender que no discipulado transformador estão sendo desenvolvidos no discípulo, o cognitivo que é o conhecimento, o saber; o caráter, que envolve a afetividade e os sentimentos; o comportamento onde envolve o relacionamento e atividades. Essas áreas são necessárias no processo do discipulado deixando o discípulo completo, equipado e maduro para toda a boa obra (Cl 1:28; II Tm 3:16,17; Ef 4:14,15). Precisamos obedecer ao que Jesus nos mandou na execução do discipulado, “ensinar” (Mateus 28:19), e a fazer como Paulo que “ensinou todo o desígnio de Deus” (Atos 20:27). Para que isso aconteça de fato, é preciso uma boa disciplina, o exercitar-se pessoalmente na piedade (I Tm 4:7,8), a palavra no grego para exercitar-se é “gýmnaze”, lembra a ginástica, o exercício físico, o atletismo, palavra usada para jogos atléticos e também para combates. Essa piedade será exercida, desenvolvida através da Palavra de Deus, da oração, da comunhão e da adoração, que levará a um testemunho contagiante, e assim, ser um discípulo transformador dentro da sua realidade e em outros lugares (Jo 17:17; I Tm 4:12; II Tm 2:15).

### **3. A IMPLEMENTAÇÃO DO DISCIPULADO TRANSFORMADOR:**

Quais seriam as fases no discipulado transformador?

- Eu faço, outra pessoa (um discípulo) observa
- Eu faço junto com a outra pessoa (um discípulo)
- A outra pessoa (um discípulo) faz, eu observo
- A outra pessoa (um discípulo) faz sozinha, outra (um discípulo) observa

Como podemos começar um processo de discipulado transformador?

- Ore e escolha pessoas para andar mais perto de você
- Invista tempo juntos, caminhe com ela
- Desenvolva boa amizade, relacionamento
- Estejam juntos num pequeno grupo, envolvendo comunhão
- Façam coisas juntos, se aprofundando no convívio

- Tornem elas capazes de fazerem o mesmo

Como Jesus implementou o discipulado transformador?

- Orou e escolheu pessoas para estar junto com Ele. (Mc 1:16-19)
- Investiu tempo com eles. (Jo 17:6) Três anos de investimento.
- Desenvolveu boa amizade. (Jo 15:13-16)
- Esteve junto num pequeno grupo. (Mc 3:14)
- Fizeram coisas juntos (Mc 1:38; 4:35-41; 6:7-12; 35-44)
- Tornou eles capazes de fazerem o mesmo (Jo 17:18; Jo 20:21-23)

O Dr. Keith Phillips (1992, p.94,95) dedica o capítulo nove de seu livro “A Formação de Um Discípulo” ao tema de seleção<sup>138</sup>, como também faz o Dr. Robert Coleman (1984, p21) no primeiro capítulo de seu livro “O Plano Mestre de Evangelismo”<sup>139</sup>. Ambos os livros são muito importantes para alguém que quer cumprir a Grande Comissão. Keith Phillips indica cinco qualidades de alguém em que vale a pena investir a vida, e Robert Coleman acrescenta uma: “*Ensinável*”, eu acrescento outra: “*servo*”. Vejamos:

- Ele é *Consagrado a Deus*. Deseja conhecer intimamente a Deus; procura o Seu reino acima de todas as coisas (Mt 6:33; Fl 3:8-10).
- Ele é *Disponível*. Tem tempo para se dedicar às coisas de Deus (Lc 9:57-62; Mt 11:12).
- Ele é *Submisso*. Responde a voz de Deus em Sua Palavra e à voz do discipulador. (Sl 51:17; Jo 10:3-5; II Tm 2:2).
- Ele é *Fiel*. Cumpre com sua palavra (I Co 4:2; II Tm 2:2).
- Ele é *Reprodutor*. Tem seguidores; procura fazer discípulos, multiplicador (Jo 1:41-46; Mt 4:18-20; II Tm 2:2).
- Ele é *Ensinável*. Está motivado para aprender (Mt 5:6; 13:10-13; Hb 5:11-14).
- Ele é *Servo*. Está disposto a servir, ser o 3º (Mc 10:43-45; Fl 2:5-7; Jo 13:14-17).

---

<sup>138</sup> PHILLIPS, Keith. **A Formação de Um Discípulo**. Ed. Vida, São Paulo, 1992. p.94-95.

<sup>139</sup> COLEMAN, Robert E. **O Plano Mestre de Evangelismo**. Editora Mundo Cristão, São Paulo, 1984, p.21.

Que nota de 1-10 você daria a si mesmo nessas qualidades? Você se considera um discípulo em condições de formar outros dentro desse padrão acima? Devemos nos lembrar que no discipulado transformador é preciso que haja um compromisso sério daquele que discipula e do discípulo, pois haverá uma reprodução do que ensinamos através do que falamos e fazemos.

Pense e escreva o nome de algumas pessoas que você sente que Deus tem colocado em seu coração para discipulá-las, acompanhá-las, e dê uma nota de 1-10 para elas dentro dessas qualidades.

NOMES	CONSAGRADO	DISPONÍVEL	RESP. A VOZ	FIEL	REPRODUTOR	ENSINÁVEL	SERVO

Algo que poderá ser implementado no discipulado individual é o que eu chamo de "Projeto Barnabé", algo simples que qualquer pessoa pode aplicar. Como se dá? A pessoa é "adotada" por alguém da igreja, na maioria das vezes por aquele que ela está evangelizando ou levando-o a fazer uma decisão para seguir a Jesus; os dois se encontram uma vez por semana para um tempo de convívio e oração, onde são vistas as lições do livreto Vida Frutífera.<sup>140</sup> Esse tempo leva somente dois meses, seu conteúdo é simples e de fácil aplicação. Embora seja um tempo formal, com data e hora estabelecidas, a dinâmica é bem "informal" e "não-formal", onde os dois estarão conversando sobre as coisas do cotidiano da vida. A pessoa que adotou o novo discípulo deve permanecer por mais alguns meses individualmente, e envolvê-lo no pequeno grupo, acompanhando-o de perto durante suas primeiras experiências como novo seguidor de Jesus, desenvolvendo e mantendo um relacionamento pessoal e comprometido com ele, onde haverá uma troca de experiências e

---

<sup>140</sup> Material impresso pela SEPAL utilizado no acompanhamento de novos na fé, 6ª edição fevereiro de 1990. Associação Religiosa Imprensa da Fé - São Paulo.

um envolvimento mútuo, numa vivência de discipulado informal e não-formal, como já citamos.

O “Projeto Barnabé”, trata-se de um discipulado que visa também integrar o novo crente na igreja local como “membro”, ou seja, um participante ativo. Isso se dará no âmbito de um pequeno grupo. Esse processo trará uma maior visão do discipulado bíblico preparando crentes (discípulos de Jesus) para discipularem outros, ao mesmo tempo em que são treinados para desenvolver melhor sua liderança-disciplinadora junto com outros.

#### **4. O USO DA TECNOLOGIA NO DISCIPULADO TRANSFORMADOR**

Se olharmos em nossa volta veremos que a sociedade tem sido transformada pela revolução digital. Até mesmo, pessoas sem estudo acadêmico, com baixo grau de escolaridade e sem acesso a grandes centros urbanos, estão conectadas a tecnologia, envolvidas no whatsapp, no Facebook, no YouTube, mesmo sem saber exatamente nada da complexidade desse mundo tecnológico. Tudo está na distância de um simples clique. Podemos nos perguntar: quais são os melhores usos para toda essa tecnologia? Podemos usá-la para nos comunicar melhor? A professora de artes e ciências midiáticas e pesquisadora em computação afetiva, Rosalind Picard (2013, p.89,101), mostra como a curiosidade a levou tanto para o cristianismo quanto para a ciência. Seu interesse pelo modo como as pessoas pensam a fez levantar novas perguntas sobre como usamos a tecnologia. Ele declarou que “O Deus da Bíblia, no entanto, é o Autor de tudo o que conhecemos, incluindo o espaço e o tempo, e do universo inteiro no qual existimos e fazemos ciência (tecnologia)”.<sup>141</sup>

Vivemos numa realidade de “fast food” e “ifood”<sup>142</sup>, tudo é muito rápido, basta uma simples ligação e um deslizar de dedos e o que desejamos com pouco tempo teremos em nossas mãos, temos acesso a tudo, a todo momento. A notícia de ontem já está ultrapassada, a de hoje já está sendo esgotada, pois já tem muita

---

<sup>141</sup> BANCEWICZ, Ruth. **O teste da fé**. *Ultimato*, Viçosa-MG, 2013, p.89,101.

<sup>142</sup> “Ifood” é um aplicativo de delivery de comidas, algo que se tornou muito popular nessa geração tão privatizada. Até cinema ocorre na palma das mãos, com aplicativos de streaming, e resoluções de problemas podem ser lidados diante de um clique no próprio smartphone.

coisa nova surgindo a cada instante, não dá para acompanhar tudo, as mudanças se dão em frações de segundos. As pessoas trabalham com resultados, e não podem demorar, a “fila anda”, se você não acompanha, ficou pra trás, já tem outro em seu lugar, é preciso usar carbureto (denominação popular de carbetto de cálcio (CaC<sub>2</sub>), utilizado na geração do gás acetileno (C<sub>2</sub>H<sub>2</sub>), substância que apressa o processo de amadurecimento das frutas e verduras). Vivemos na época do “fake news”, mensagens falsas que circulam nas mídias sociais como sendo verdadeiras e muitos curtem, compartilham e seguem como se fossem verdade.

Quando pensamos em tudo isso, vemos que o discipulado transformador para discípulos de uma nova realidade, trabalha com a convicção de tempo para plantar, crescer, colher, e aí, desfrutar. Não podemos queimar as etapas, temos que entender que existe um tempo dentro do processo do discipulado, por isso que não se pode implementar no discipulado a rapidez do “fast food”, do “ifood”, nem do uso do carbureto para adiantar o processo e desfrutar antes do tempo, isso não é o ideal. No discipulado transformador tem que haver relacionamento e tempo de caminhada juntos. Fazer realizações sem relacionamento com Deus e uns com os outros são meras tarefas, como disse o Eclesiastes: “é como correr atrás do vento”, isso é tolice, insensatez, pois há tempo para tudo aqui na Terra. Certa vez Jesus chegou na casa das irmãs, Marta e Maria, Maria parou com tudo que estava fazendo, e foi ficar pertinho de Jesus para ouvi-Lo, enquanto Marta ficou na correria frenética, agitada... e ainda ousou chamar a atenção de Jesus para mandar Maria fazer as coisas, Jesus então repreende Marta dizendo que ela estava preocupada e inquieta com muitas coisas, e que apenas uma coisa é necessária, e foi o que Maria escolheu (Lc 10:38-42). Jesus não estava dizendo que era contra o trabalho ou as tarefas da casa, mas estava dando uma lição sobre a prioridade, o mais importante, a pausa que precisamos dar.

Vivemos num mundo onde as pessoas estão cada vez mais ansiosas, nervosas, atarefadas e apressadas, agitadas; segundo Augusto Cury, renomado escritor e pesquisador sobre o comportamento mental humano: “A ansiedade tem afetado cerca de 80% da população mundial, pessoas de todas as idades, sem precedentes. Tudo isso gera a SPA (Síndrome do Pensamento

Acelerado)".<sup>143</sup> Às vezes eu paro em uma avenida do centro da cidade, bem movimentada, vejo as pessoas correndo, apressadas, sem se falarem, em grande movimento, mal respiram, como se as coisas dependessem delas para funcionarem. Numa palestra sobre a importância da frustração para a saúde mental, o psicoterapeuta Ivan Capelatto falou que hoje temos jovens extremamente inteligentes, falam várias línguas, mexem no computador, são hackers que entram em bancos, na casa branca... fazem coisas incríveis, mas com o emocional de criancinha, a namorada briga com ele, ele pensa em suicídio. São pessoas sem resistência. O livro do Eclesiastes nos traz um alerta: "Na sepultura, para onde você vai não há atividade nem planejamento... Percebi ainda outra coisa debaixo do sol: os velozes nem sempre vencem a corrida; os fortes nem sempre triunfam na guerra..." (Eclesiastes 9:10,11). "O essencial muitas vezes é invisível aos olhos",<sup>144</sup> precisamos olhar com o coração.

O mundo "on line" exige que fiquemos "on time", ligados o tempo todo como um computador num cabo de eletricidade, uma numa bateria. Dentro dessa realidade, precisamos usar de todos os recursos que temos, claro, com uma boa avaliação, para complementarmos, dinamizarmos e melhorarmos o discipulado transformador, como por exemplo: o uso do Whatsapp, skyper, Telegram<sup>145</sup> ou Google Hangouts<sup>146</sup>. O Whatsapp, Telegram e o Google Hangouts são meios úteis, por estarmos vendo a pessoa, conversando em tempo real, e tendo a facilidade de termos sempre à mão, onde mensagens, conversas, novidades são enviadas e têm retorno instantâneos. Por exemplo, o Google Hangouts pode ser útil para trocar mensagens usando videochamadas, onde pode-se envolver até 25 pessoas em apenas uma videochamada, colocando o assunto e informações em dia, aquilo que foi compartilhado no grupo do discipulado. Pode-se

---

<sup>143</sup> <https://ndonline.com.br/florianopolis/plural/entrevista-escritor-augusto-cury-fala-sobre-ansiedade-gestao-de-emocao-e-psiquiatria>. Entrevista feita 13/10/2017.

<sup>144</sup> Do livro clássico: *O Pequeno Príncipe*.

<sup>145</sup> "Telegram", um aplicativo para troca de mensagens, considerado um dos principais concorrentes do WhatsApp. Conta com alguns recursos mais específicos envolvendo segurança e privacidade das mensagens.

<sup>146</sup> O "Google Hangouts" é uma plataforma de mensagens instantâneas e chat de vídeo desenvolvido pelo Google, que serve para trocar mensagens de texto, áudio, vídeo e envio de fotos.

criar um grupo no aplicativo Whatsapp, só para acompanhar, complementar, dinamizar e fortalecer o discipulado no “Pequeno Grupo” como no “um a um”, onde podem ser feitas observações e comentários do que foi conversado, compartilhado no encontro presencial da semana no Pequeno Grupo e outros momentos, fazendo observações e pedidos de oração, etc. Podemos criar também um vídeo com o que será discutido no encontro presencial, fazendo um link através de um “QR Code” que é um código de barras que oferece a possibilidade de acesso ao conteúdo por meio do celular ou tablet.

Pensando em toda essa tecnologia a nosso dispor, onde automaticamente levará a pessoa a se conectar rapidamente com artigos, vídeos, dicas, músicas, palestras, filmes, novidades sobre discipulado no mundo todo. Devemos, portanto, sempre lembrar que essas ferramentas não devem jamais substituir o momento juntos de relacionamento, de comunhão, olho no olho, vida na vida, pois discipulado transformador não é simplesmente uma troca de conhecimento e informações, e sim, uma vivência onde se experimenta relacionamento recíproco. O encontro presencial é uma oportunidade para outros amigos chegarem, sentarem e participarem do papo, com informalidade e descontração, já o uso da tecnologia servirá como um acréscimo importante para obtermos uma manutenção e uma maior conexão do grupo no discipulado, deixando aquecido o relacionamento fora dos encontros presenciais.

Dentro dessa realidade de mundo que vivemos hoje, onde as pessoas não têm tempo, onde o ritmo é frenético, onde as prioridades são colocadas de acordo com o interesse de cada um, ou do mercado de trabalho, onde os relacionamentos são cada vez mais “líquidos”,<sup>147</sup> facilitando o relativismo que tem dominado as pessoas em todas as áreas da vida, como uma “selfie”, cada pessoa tira a sua e compartilha, mas fica nisso; com isso tem se criado conflitos, e apesar de tanta avanço da tecnologia e oportunidades de redes de conexões, as pessoas ainda se encontram isoladas e sem sentido de vida. Estamos cada vez mais aparelhados com iPhones, tablets, notebooks, tudo, muitas vezes, sendo usados para disfarçar o medo da solidão. As redes sociais tomaram o lugar de boa parte das pessoas, cuja marca principal é a ausência de

---

<sup>147</sup> *Expressão usada pelo o sociólogo e filósofo Polonês Zygmunt Bauman*

relacionamento. Como se referiu Zigmunt Bauman (2001), em seu livro "Amor Líquido"<sup>148</sup> - sobre a fragilidade dos laços humanos, onde as relações se misturam e condensam com laços momentâneos, frágeis e volúveis. Em um mundo cada vez mais dinâmico, fluido e veloz, real ou virtual. Segundo Bauman, vivemos tempos líquidos, nada é feito para durar, tampouco sólido. Os relacionamentos escorrem das nossas mãos por entre os dedos feito água. Portanto, precisamos reagir e buscar utilizar da melhor maneira possível esses meios tecnológicos na implementação do discipulado transformador. Não nos deixando ser dominados pela tecnologia, mas utilizá-la a nosso favor, como disse Sydney J. Harris (1917-1987):<sup>149</sup> "O perigo real não é o de computadores começarem a pensar como homens, mas de homens começarem a pensar como computadores".

Sobre isso, a jurista Enia Cecilia Briquet (2018, p.147) afirma que "o conflito existe quando uma das partes, indivíduo ou grupo, tenta alcançar seus próprios objetivos interligados com outra parte e essa outra parte interfere".<sup>150</sup> Vemos com isso que não existem valores sólidos, pois até a verdade se relativiza e está se perdendo a essência da mensagem do evangelho que deveria estar impregnada na vida do cristão. Timothy Keller (2014, p.38), em seu livro: *Igreja Centrada*, faz uma citação de um argumento do ilustre teólogo Francis Schaeffer, que disse acertadamente: "Os relacionamentos entre os cristãos formam o critério que o mundo usa para julgar se a mensagem deles é mesmo verdadeira – assim, a comunidade cristã é a apologética definitiva".<sup>151</sup> O apóstolo Paulo disse que nós somos a carta que as pessoas irão ler, escrita, não com tinta, mas com o Espírito do Deus vivo, não em tábuas de pedra, mas nas tábuas de carne do coração (II Co 3:3). Portanto deixemos que o Espírito Santo torne a nossa vida bela e legível para que as pessoas possam enxergar em nós a Sua obra e glorificar a Deus, o Nosso Pai Celeste.

Podemos dizer que vale apenas insistir no discipulado mesmo diante da realidade que vivemos, entendendo que temos muitos recursos a nossa disposição e que podemos utilizá-los para

---

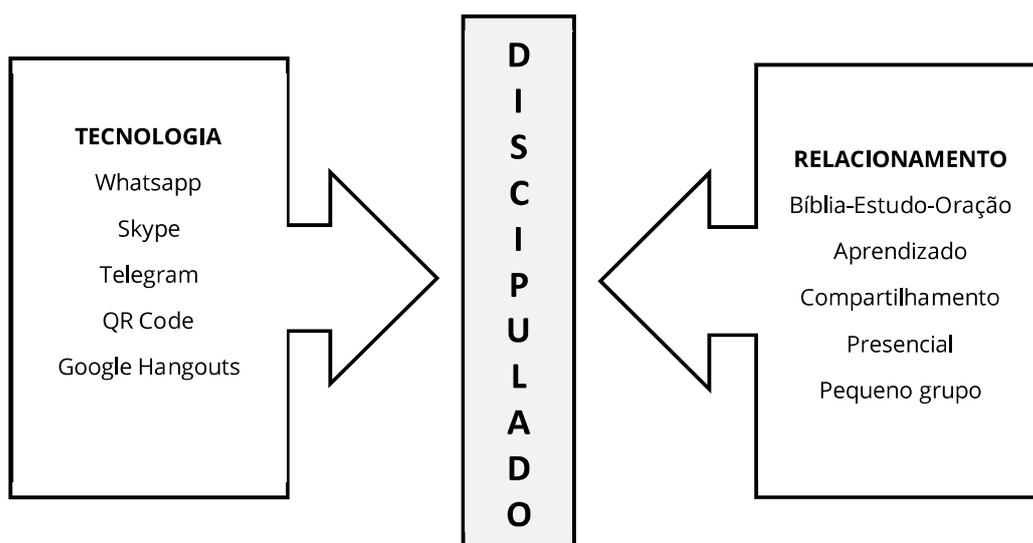
<sup>148</sup> BAUMAN, Zygmunt. **Amor líquido**. Rio de Janeiro. Jorge Zahar. 2001.

<sup>149</sup> HARRIS, Sydney J. jornalista e escritor estadunidense (1917-1986).

<sup>150</sup> LAGO, Davi. **Brasil polifônico**. São Paulo, Mundo Cristão, 2018, p.147.

<sup>151</sup> KELLER, Timothy. **Igreja Centrada**. São Paulo, Vida Nova, 2014, p.38.

facilitar, aperfeiçoar e aplicar o discipulado transformador para a realidade de novos discípulos. Mauricio Cunha (2018, p.55), ao se referir a cosmovisão cristã de mundo, disse que: “Tanto a criação de Deus, quanto os relatos bíblicos, são capazes, não apenas de interpretar o mundo, mas também de transformá-lo, por meio do discipulado de indivíduos, comunidades e nações”.<sup>152</sup>



## 5 CONSIDERAÇÕES FINAIS:

Ao ser analisada a necessidade do discipulado transformador na vida dos discípulos de uma nova realidade, queremos incentivar você a continuar aprimorando a dinâmica do discipulado na sua vida, dentro do contexto onde você está inserido, usando os meios tecnológicos disponíveis para tornar o discipulado mais dinâmico, prático, participativo e envolvente. Nosso desejo é que você tenha aprendido a identificar os métodos de aprendizado que envolve o discipulado, de maneira que saiba fazer um bom uso deles, assim como, os meios tecnológicos disponíveis.

Como foi proposto, compartilhamos sobre os elementos principais de uma prática de discipulado transformador conforme o modelo visto em Jesus de acordo com o Evangelho de Mateus, sem entrar em outras áreas de pesquisa, pois não era a proposta deste trabalho. Em tudo procuramos apresentar uma análise geral

---

<sup>152</sup> Mauricio Cunha. **O Reino de Deus e a Transformação social**. Viçosa-MG. Ultimato, 2018, p.55.

do assunto de discipulado, tendo como premissa fundamental a percepção de que a essência do aprendizado cristão é o discipulado bíblico, constante, relacional e apropriado às necessidades, bem como às capacidades do novo crente ou da pessoa que queremos alcançar. Vimos que no discipulado transformador há um treinamento, um preparo, que faz parte do processo de crescimento espiritual mediante o envolvimento na vida do cristão.

O discipulador deve sempre nortear-se em duas direções: para a frente – um olhar fixo em Jesus, O Mestre por excelência; fixando-se no alvo, na missão e visão dadas por Deus. A outra direção é para trás, um olhar avaliador, vendo quem está lhe seguindo, o que você está reproduzindo. Kenny Luck (2006), disse: “Jesus sabia que sua missão seria avaliada por sua capacidade de reproduzir a Si mesmo. Se não fosse assim, a missão não seria cumprida. Jesus fez muitas curas públicas, pregou às massas e alimentou milhares, mas Seu objetivo era treinar alguns poucos caras que sairiam e multiplicariam a mensagem”.<sup>153</sup>

Enfim, conduímos, afirmando que precisamos urgentemente mobilizar os membros e líderes das nossas igrejas a se identificarem com a vida e o estilo de Jesus no que diz respeito ao discipulado transformador, vivendo as marcas de Jesus, seguindo o exemplo Dele, sendo um discípulo radical, como propôs John Stott (2011) em seu último livro;<sup>154</sup> precisamos de discernimento do Espírito Santo e de sabedoria do Alto, do Deus Eterno, a fim de não nos tornarmos escravos de um sistema consumista e triunfalista, indo em busca de programas que prometem resultados rápidos; precisamos nos apegar às Escrituras Sagradas e aplicar a metodologia deixada pelo Mestre Jesus Cristo sobre o discipulado, a fim de que todos, homens e mulheres de Deus no seu tempo e contexto presente, sejam hábeis instrumentos em Suas mãos, fazendo da Sua Igreja um lugar seguro cheio de pessoas preparadas, e “que não tenham do que se envergonharem, que manejam bem a Palavra da verdade” (II Tm 2:15). Essas pessoas “bem ajustadas (preparadas, capacitadas) faz o crescimento da igreja, na medida que cada um faz a sua parte” (Ef 4:16).

---

<sup>153</sup> LUCK, Kenny. *Arrisque*, São Paulo, Mundo Cristão. 2006.

<sup>154</sup> STOTT, John. *O discípulo radical*, Minas Gerais, Ultimato. 2011.

## **REFERÊNCIAS**

- ARMSTRONG, Hayward. **Bases da educação cristã**. São Paulo: 1992.
- AGUILERA, José Miguel. **Dinamizando a Igreja para Cumprir a Grande Comissão**. São Paulo: Abba, 1995.
- ASSIS, Abner. **Memórias de um Plantador de Igrejas**. Recife: FacForm, 2007.
- BARBOSA, Ricardo. **Identidade perdida**. Curitiba, Encontro Publicações. 2012.
- BARRO, Jorge H. **O Pastor Urbano**. 3 ed. Londrina: Descoberta, 2008.
- BAUMAN, Zygmunt. **Amor líquido**. Rio de Janeiro. Jorge Zahar. 2001
- BAXTER, Richard. **Manual Pastoral de Discipulado**. Traduzido por Elizabeth Gomes. São Paulo: Cultura Cristã, 2008.
- BÍBLIA SAGRADA, Edição Revista e Corrigida no Brasil. São Paulo: Sociedade Bíblica do Brasil, 1985.
- BÍBLIA VIDA NOVA, Editada por Russel P. Shedd. São Paulo: Edições Vida Nova, 1978.
- BÍBLIA SAGRADA, Nova Versão Internacional. São Paulo, Vida, 2000.
- BOICE, James Montgomery. **O Discipulado Segundo Jesus**. Traduzido por Josué Ribeiro. São Paulo: Cultura Cristã, 2001.
- BONHOEFFER, Dietrich. **Discipulado**. Traduzido por Ilson Kayser. 8 ed. São Leopoldo: Sinodal, 1980.
- BREMBECK, Cole S. **Artigo**: Formas estratégicas de usar a educação formal e não-formal – New Educational Development.
- BROWN, Colin. **Dicionário Internacional de Teologia do Novo Testamento**. Traduzido por Gordon Chown. 2 ed. São Paulo: Vida Nova, 1984.
- BRUCE, A. B. **O Treinamento dos Doze**. Traduzido por Daniel de Oliveira. São Paulo: Arte Editorial, 2005.
- CAMPANHÃ, Josué. **Líder do Amanhã**. São Paulo: Hagnos, 2008.

- CAMPANHÃ, Josué. **Discipulado Transformando Igrejas**. 2 ed. Ecclesia: São Paulo, 2006.
- CAMPOS, Heber Carlos de. **A filosofia educacional de Calvino e a fundação da Academia de Genebra**. Fides Reformata 5/1, São Paulo: 2000.
- COLEMAN, Robert E. **O Plano Mestre de Evangelismo**. Traduzido por João Marques Bentes. São Paulo: Editora Mundo Cristão, 1984.
- CONCEIÇÃO, Eurípedes da. **Ensinando através do Caráter**. São Paulo: Cultura Cristã, 2004.
- CUNHA, Maurício J. S. e WOOD, Beth A. **O Reino entre nós**. 2 ed. Viçosa: Ultimato, 2005.
- COLLINS, Jim. **Empresas Feitas para Vencer**. Traduzido por Maurette Brandt. 2 ed. Rio de Janeiro: Campus, 2002.
- COVEY, Stephen R. **Os 7 Hábitos das Famílias Altamente Eficazes**. Traduzido por Sandra Luzia Couto. 7 ed. São Paulo: Best Seller, 2003.
- CHAMPLIN, Russell Norman. **O Novo Testamento Interpretado Versículo por Versículo**. Vols 1, 2, 4, 5. São Paulo: Milenium, 1985.
- CHAN, Francis. **Multiplique discípulos que fazem discípulos**. São Paulo, Mundo Cristão, 2012.
- CUNHA Mauricio. **O Reino de Deus e a Transformação social**. Viçosa-MG. Ultimato, 2018,
- FOSTER, Richard J. **Celebração da Disciplina**. Traduzido por Luiz Aparecido Caruso. 3 ed. São Paulo: Vida, 1988.
- FREIRE, Paulo. **A Pedagogia do Oprimido**. Paz e Terra. Rio de Janeiro, 1983.
- GEORGE, Sherron K. **Igreja ensinadora**. Luz para o caminho. São Paulo, 1993.
- GETZ, Gene A. **A estatura de um Cristão**. Traduzido por João Barbosa Batista. 2 ed. São Paulo: Vida, 1988.
- GOHEEN, Michael W.; BARTHOLOMEW Craig G. **Introdução à cosmovisão cristã**. São Paulo, Vida Nova, 2016.

- GRUBER, Frederick C. **Antropologia e Educação**. Traduzido por Maria Luiza Nogueira e Yara Gilioli. Rio de Janeiro: Editora Fundo de Cultura, 1961.
- HENDRICKS, Howard. **Como o Ferro Afia o Ferro**. Traduzido por Waldemar Kroker. São Paulo: Shedd Publicações, 2006.
- HENDRICKS, Howard. **Aprenda a Mentorear**. Traduzido por Nina Lúcia de Souza Jensen. Belo Horizonte: Betânia, 1999.
- HUNTER, James C. **O Monge e o Executivo**. Traduzido por Maria da Conceição Fornos de Magalhães. 18 ed. Rio de Janeiro: Sextante, 2004.
- HURST, D. V. **E Ele Concedeu Uns para Mestres**. Traduzido por Gordon Chown. São Paulo: Editora Vida, 1979.
- JAMIERSON, Roberto, A. R. Fausset e David Brown. **Comentario Exegético y Explicativo de la Biblia**. Vol 1. España: Casa Bautista de Publicaciones, 1977.
- JONES, Laurie Beth. **Jesus Coach**. Traduzido por Aline Grippe. São Paulo: Mundo Cristão, 2ª ed. 2004.
- KELLER, Timothy. **Igreja Centrada**. São Paulo, Vida Nova, 2014.
- KIRK, Andrew. **Igreja: Comunidade do Serviço**. Niterói: Vinde, 1989.
- KIVITZ, Ed René. **Koinonia**. São Paulo: 3ª ed. ABBA, 1997.
- KORNFIELD, David E. **As Bases na Formação de Discipuladores**. 2 ed. São Paulo: Sepal, 1996.
- KORNFIELD, David. **O Líder que Brilha**. São Paulo: Vida, 2007.
- LAGO, Davi. **Brasil Polifônico**. São Paulo: Mundo Cristão, 2018.
- LAWRENCE, O. Richards. **Teologia da Educação Cristã**. Traduzido por Hans Udo Fuchs. Edições Vida Nova. São Paulo, 1986.
- LYRA, Sérgio. **Cidades para a Glória de Deus**. Belo Horizonte: Visão Mundial, 2004.
- LUCK, Kenny. Arrisque. São Paulo: Mundo Cristão, 2006.
- LUZURIAGA, Lorenzo. **História da Educação e da Pedagogia**. Traduzido por Luiz D. Penna e J. B. D. Penna. Companhia Editora Nacional. São Paulo, 1984.

- MACARTHUR, John. **Doze Homens Comuns**. Traduzido por Susana Klassen. São Paulo: Cultura Cristã, 2004.
- MACDONALD, William. **O Discípulo Verdadeiro**. Traduzido por Odayr Olivetti. 3 ed. São Paulo: Mundo Cristão, 1990.
- MARRA, Cláudio. **A Igreja Disciplinadora**. São Paulo: Cultura Cristã, 2007.
- MARSHALL, Colin e PAYNE, Tony. **A Treliça e a videira**. Ed. Fiel, São Paulo, 2015.
- MOORE, Waylon B. **Multiplicando Discípulos**. Rio de Janeiro, 1984.
- NIDELCOFF, Maria Teresa. **Uma Escola para o Povo**. São Paulo: Editora Brasiliense, 1978.
- NOLL, Mark A. **Momentos Decisivos na História do Cristianismo**. São Paulo, 2000.
- PADILLA, C. René. **Nuevas Alternativas de Educación Teológica**. Argentina: Nueva Creación, 1986.
- PETERSON, Eugene. **A Vocação Espiritual do Pastor**. Traduzido por Carlos Osvaldo Cardoso Pinto. São Paulo: Mundo Cristão, 2006.
- PETERSON, Eugene. **Uma Longa Obediência na mesma Direção**. Traduzido por Helen Hope Gordon Silva. São Paulo: Cultura Cristã, 2005.
- PHILLIPS, Keith. **A Formação de Um Discípulo**. Traduzido por Elizabeth Stowell Charles Gomes. São Paulo: 6ª ed. Vida, 1992.
- PRICE, J. M. **A Pedagogia de Jesus**. Traduzido por Waldemar W. Wey. Rio de Janeiro, JUERP, 1986.
- QUEIROZ, Carlos. **Ser é o bastante**. São Paulo, Ultimato. 2016.
- RICHARDS, Lawrence O. **Teologia da Educação Cristã**. Traduzido por Hans Udo Fuchs. São Paulo: Edições Vida Nova, 1986.
- STANFORD, Miles J. **Normas para o Crescimento Espiritual**. Traduzido por Yolanda M. Kreivin e Roberto Collins. São Paulo: Imprensa Batista Regular, 1981.
- STEDMAN, Ray C. **A Igreja, Corpo Vivo de Cristo**. Traduzido por Walter Schlupp. São Paulo: Editora Mundo Cristão, 1974.

STETZER, Ed e QUEIROZ, Sérgio. **Igrejas que transforma o Brasil.**  
São Paulo: Mundo Cristão, 2017.

STEURNAGEL, Valdir R. e BARBOSA, Ricardo. **Nova liderança.**  
Esperança, Curitiba, 2017.

STOTT, John. **O discípulo radical.** Traduzido por Meire Portes  
Minas Gerais, Ultimato. 2011.